

REFLEXÕES ACERCA DAS INFLUÊNCIAS CIENTÍFICAS EM PSICOLOGIA ESCOLAR

REFLECIONS ON SCIENTIFIC INFLUENCES IN SCHOOL PSYCHOLOGY

MOURA. D. R.; MACHADO JÚNIOR. L.B.S.

Departamento de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/ FEMM

RESUMO

O presente trabalho visa esclarecer alguns aspectos que influenciaram e influenciam a questão científica da psicologia, especificamente sobre a Psicologia Escolar. Abordando alguns fatos históricos, percebemos como certos paradigmas foram se modificando, porém, mesmo com tal modificação, algumas práticas em psicologia escolar carregam resquícios referentes ao fazer científico que firmou e legitimou a psicologia como ciência, totalmente atrelado a um olhar positivista. Também discutimos sobre algumas contribuições da ciência psicológica referente ao contexto capitalista, fazendo emergir um olhar crítico sobre a prática escolar.

Palavras-chave: Ciência. Questionamento. Psicologia Escolar. Fazer Científico.

ABSTRACT

The present study intended to clarify some aspects that influenced and influence the scientific issue of psychology, specifically about School Psychology. Approaching about some historical facts, we realize how certain paradigms have been changing, but even with such modification, some practices in school psychology carry traces related to the scientific work that established and legitimized the psychology as a science, totally linked to a positivist look. We also discussed about some contributions of psychological science related to the capitalist context, bringing out a critical view about the school practice.

Keywords: Science. Questioning. School Psychology. Scientific Production.

O objetivo deste trabalho é abordar a psicologia escolar numa perspectiva crítica. Para isso, torna-se necessário refletirmos sobre o nosso próprio “fazer científico”. O que estamos produzindo, afinal? E com que intuito?

Maciel Junior (2007), em sua obra “Os pré-socráticos, a invenção da razão”, faz referência a Heráclito de Éfeso, ressaltando que, de fato, é impossível entrar no mesmo rio duas vezes. As coisas no mundo estão em constante transformação, nas palavras do próprio Maciel Junior:

O instante que passa é e não é ao mesmo tempo, ou seja, deixa de ser para ser um outro instante. Levando tal reflexão às últimas consequências, pôde intuir que o instante presente que passa já é passado e futuro ao mesmo tempo, pois, ao passar, deixa de ser, para se tornar, conjugando o que foi e o que será na passagem, e tornando constantes a mudança e a mobilidade. (MACIEL JUNIOR, 2007, p. 62)

Perceber que a mobilidade está presente em nossas vidas, em nossas práticas, é extremamente importante para nossa metodologia. Isso permite que não tomemos nenhuma prática como verdade absoluta.

Com isso, temos em mente que toda produção científica não abordará completamente o fenômeno, e no que diz respeito à historiografia, esta é delimitada em vários aspectos, como ressalta Barbosa:

A história existe independentemente de qualquer escrita, porém, quando se adentra no universo da historiografia, é importante entender que são várias as formas de se narrar uma história, sempre sabedores que não se trata da história propriamente dita e nem da única forma de contá-la. (BARBOSA, 2012, p.106)

E como a história da psicologia escolar foi contada ao longo dos anos? A quais demandas ela respondia e responde?

Antes de refletirmos sobre estas questões, vale questionarmos aquilo que denominamos ciência. Abordarmos sobre as contribuições e interferências referentes a sua constituição.

Edgar Morin (2005), em sua obra “Ciência com consciência”, relata que as ciências não tem consciência acerca daquilo que produzem, apenas desenvolvem seus saberes de acordo com a demanda social, como aponta:

A instituição científica suporta as coações tecnoburocráticas próprias dos grandes aparelhos econômicos ou estatais, mas nem o Estado, nem a Indústria, nem o Capital são guiados pelo espírito científico: utilizam os poderes que a investigação científica lhes dá. (MORIN, 2005, p.20)

Já que a psicologia é uma ciência, podemos dizer que ela segue determinados princípios e, portanto, produz determinado tipo de saber. Foucault, em sua obra “Microfísica do Poder”, esclarece sobre as formas de como uma determinada verdade, produzida por um saber, influencia a vida dos sujeitos e exerce um determinado poder sobre estes. Como esclarece Foucault (1979):

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (...). A verdade é deste mundo, ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros. (FOUCAULT, 1979, s/p)

Ao abordarmos os discursos que a psicologia faz funcionar como verdadeiros, percebe-se que, de acordo com Schultz e Schultz (2004), a psicologia como ciência ocupa um lugar de paradoxo, pois o homem sempre teve interesse por suas questões. A filosofia da Grécia antiga é um exemplo disso.

Ao longo de nossa história sempre existiram espíritos questionadores, no entanto, ela é uma das disciplinas mais recentes, tomando como parâmetro aquilo que compreendemos como ciência moderna. O divisor de águas, que diz respeito ao status da psicologia como científica, está relacionado ao fato de Wilhelm Wundt organizar o primeiro laboratório de psicologia, no ano de 1879, em Leipzig na Alemanha.

Devemos levar em consideração que, se determinada ideia surge, certamente os responsáveis pela sua produção tiveram influências do meio pelas quais, os proporcionaram e os direcionaram a tal produção. Trata-se do conceito de *Zeitgeist*, como esclarece Schultz e Schultz:

Mesmo os maiores intelectos (talvez especialmente os maiores intelectos) foram constrangidos por um fator contextual chamado *Zeitgeist*, o espírito ou clima intelectual de uma época. A aceitação e aplicação de uma descoberta pode ser limitada pelo padrão dominante de pensamento de uma cultura, de uma região ou de uma época, mas uma ideia demasiado nova para ser aceita num período, pode sê-lo prontamente uma geração ou um século depois. A mudança lenta parece ser a regra do processo científico. (SCHULTZ; SCHULTZ, 2004, p.38)

Não haveria formas de falar sobre esse clima intelectual, sem trazer a tona o século XVIII. De acordo com a historiografia de Hobsbawm (2014), dois acontecimentos foram primordiais para a constituição da sociedade ocidental tal qual a temos hoje. Um aconteceu na França e outro na Grã-Bretanha, trata-se respectivamente da revolução francesa e industrial. Nossos traços econômicos foram sendo modificados através da influência da indústria inglesa, e em relação à política, passamos a ser influenciados pelos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade, vindos da revolução francesa. Esses acontecimentos interferem diretamente sobre o fazer científico, pois, o que é almejado a partir de então, diz respeito a esses aspectos. A lógica do capital, cultuando a falsa ideia de igualdade, fraternidade e liberdade, diz respeito aos novos princípios.

Dos pensadores contemporâneos a esse período, vale destacarmos Auguste Comte, nascido no ano de 1798, criador do modelo de pensamento denominado positivista. Cultuava-se a fraternidade e o progresso entre os homens, e isso seria possível através da previsibilidade, assim, o homem desempenharia um melhor domínio sobre a natureza. E como o homem faz parte dela, compreende-se que o homem domina outros homens. E trazendo a tona a demanda social, é interessante perceber os ideais positivistas que guiaram e ainda guiam algumas práticas científicas, e de como eles se relacionam com o capital (GIANNOTTI, J. A., 2000). Ainda nas palavras de Giannotti:

O conhecimento positivo caracteriza-se pela previsibilidade: ver para prever é o lema da ciência positiva. A previsibilidade científica permite o

desenvolvimento da técnica e, assim, o estado positivo corresponde à indústria, no sentido de exploração da Natureza pelo homem. Em suma, o espírito positivo, segundo Comte, instaura as ciências como investigação do real, do certo e indubitável, do precisamente determinado e do útil. Nos domínios do social e do político, o estágio positivo do espírito humano marcaria a passagem do poder espiritual para as mãos dos sábios e cientistas e do poder material para o controle dos industriais. (GIANNOTTI, 2000, p.10)

A pouco, ressaltamos que o divisor de águas, no que diz respeito a nossa compreensão do que seria uma psicologia moderna, deve-se ao fato da criação do primeiro laboratório de psicologia por Wundt, em Leipzig, no ano de 1879. Os princípios do laboratório estavam ligados ao positivismo, o pesquisador deveria ser neutro, e tudo deveria ser comprovado por ordem empírica, todo caso, estamos falando aqui dos princípios da física, e da ânsia do homem em relação ao domínio sobre a natureza. Portanto, a prática estava pautada na previsibilidade.

Wundt, de acordo com Robert Farr (2013), estava interessado justamente em fazer da psicologia uma disciplina das ciências naturais. A filosofia clássica não era interessante para a demanda social, que agora estava voltada para o capital. O poder espiritual, que diz respeito ao fato do homem justificar coisas do mundo através de um fator externo a realidade, a ideia de Deus, por exemplo, indispensável na constituição de uma monarquia feudal, dá lugar a ideia do controle e previsibilidade que o positivismo proporciona, pois, esse fator é de extremo interesse para o capitalismo, o corpo no entanto, não era mais propriedade de Deus, mas do Estado, o corpo desempenha uma função importante, a percepção do ser humano como indivíduo, contribui para o progresso social, e este aspecto diz respeito a principal mudança no paradigma científico da psicologia, como ressalta Farr:

Aqui, a pele forma um limite distinto entre objeto de estudo, isto é, o indivíduo, e o ambiente desse indivíduo. O objeto de estudo é, então, um objeto limitado, seja ele animal ou humano. A relação figura/fundo é realçada quando a figura é um outro ser humano. (...) A substituição da psique pelo organismo foi um passo preliminar importante no processo de se considerar a psicologia toda como ramo das ciências naturais. Esse fato marca também a transição da filosofia para a biologia como a disciplina-mãe para a psicologia. (FARR, 2013, p.41)

É notória, a valorização do organismo para a sociedade moderna, pautada no capital. Essa demanda surge, justamente pelo fato da longevidade gerar consumo e mão de obra. Assim, a ciência se volta justamente para a manutenção desse corpo, num primeiro momento, pautado nas leis da física e da fisiologia, supervalorizando a

medicina, pois o que está em jogo é o que Foucault conceitua como Biopoder, ou seja, as estratégias de poder em relação ao corpo:

Eu acho que o grande fantasma é a ideia de um corpo social constituído pela universalidade das vontades. Ora, não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos. (FOUCAULT, 1979, s/p)

Foucault (1979) ressalta que as relações de mercado faz com que a medicina parta cada vez mais para um âmbito social, ou seja, o capitalismo atuará a nível somático, buscando diferentes estratégias de controle sobre os corpos. Para esclarecer-nos sobre essa constituição da medicina, o autor faz uma abordagem a respeito da medicina de estado, medicina urbana e medicina da força de trabalho.

Sobre a medicina de estado, sua origem acontece no século XVIII, na Alemanha (FOUCAULT, 1979). O contexto da época mostra que o país estava fragilizado economicamente, o estado estava de certa forma se dissolvendo, assim, mas do que o controle de natalidade e mortalidade, a medicina de estado tinha como objetivo a melhoria da saúde populacional, afim de fortalecer o próprio estado. Os controles em relação à saúde se davam através do monitoramento de territórios, existia uma organização administrativa em relação a atuação médica, onde, coletava-se as informações trazidas pelos médicos e traçavam-se estratégias de intervenção, em relação a necessidade de determinados tratamentos, ou sobre o controle de epidemias. Neste caso a figura do médico era subordinada a uma administração superior. Outro aspecto fundamental em relação a medicina de estado alemã, diz respeito a normalização do ensino da medicina. Neste período, fica a critério da classe médica a definição da ciência e o controle sobre a universidade, e como o Estado controlava a medicina, percebe-se que antes do doente, o médico foi o primeiro a ser normalizado de acordo com as demandas do Estado.

Sobre a medicina urbana, Foucault (1979), ressalta que se desenvolve na França, justamente pela nova constituição de cidade. Em pleno século XVIII, devido as demandas industriais, houve um aumento populacional na cidade de Paris, a grande preocupação ocorrerá num âmbito político-sanitário, diz respeito aos lugares e as circunstâncias que podem ocasionar a doença, a medicina voltará sua atenção ao arejamento das cidades, a pureza da água, a distribuições de lugares que podem ocasionar epidemias. Neste caso, a medicina não intervirá no corpo, mas sim nas

coisas. Assim, a prática médica se articula com outras práticas, por exemplo, para ter melhor conhecimento sobre a água e o ar, é necessário certo domínio sobre a química, para planejamentos sobre o esgoto da cidade é necessário se vincular a arquitetura, ou seja, a medicina vai se apropriando de uma forma generalizada em relação aos diferentes discursos científicos.

Tratando-se da medicina da força de trabalho, esta diz respeito a um planejamento sobre o proletário, sobre a plebe. As epidemias, as revoltas devido as condições de vida, eram muito comuns. Assim, a organização das cidades visa a separação entre bairros ricos e pobres, sendo que, a prática médica está voltada ao assistencialismo, pois, essa era uma maneira de controle, já que o pobre devia se sujeitar em relação a intervenção médica para ter certos benefícios, esta também era uma forma da classe dominante se sentir segura.

Discutir sobre esses aspectos e sobre como a prática médica foi se constituindo no ocidente, é extremamente importante para discutirmos nosso fazer científico. Percebemos que os ideais da medicina e podemos dizer, do fazer científico, baseiam-se nas premissas de que os corpos devam ser dóceis e saudáveis. O planejamento das cidades, o controle dos corpos, o assistencialismo, são os primórdios de um mecanismo que sempre utilizará uma normalização específica em relação aos sujeitos. Tudo aquilo que se desvincula no que diz respeito à norma social é considerado algo patológico a ser tratado, e sobre a psicologia, podemos destacar a fala de Foucault à respeito da constituição científica:

Não se deve esquecer que a psicologia “objetiva”, “positiva” ou “científica” encontrou sua origem histórica e seu fundamento numa experiência patológica. Foi a análise dos desdobramentos que ocasionou uma psicologia da personalidade; uma análise dos automatismos e do inconsciente que fundou uma psicologia da consciência; uma análise dos déficits que desencadeou uma psicologia da inteligência. (FOUCAULT, 1975, p.59)

Tendo alguns esclarecimentos acerca de como a ciência psicológica foi se constituindo, podemos abordar a psicologia escolar propriamente dita. A partir do século XIX, de acordo com Barbosa (2010), no contexto europeu, especificamente na França, os trabalhos estavam ligados à psicométrica, com o intuito de avaliar o desenvolvimento e reconhecer os alunos com dificuldades especiais. Neste modelo de trabalho destaca-se o nome de Alfred Binet. Já no ano de 1882, um marco referente

a psicologia escolar norte americana, diz respeito as obras de Stanley Hall, também voltado à área da psicometria e psicologia experimental.

Foucault (1975) nos diz que a prática psicológica se constitui através dos desajustes em relação a norma, e isso é bem perceptível nos primeiros trabalhos relacionados a psicologia escolar, levando em consideração o modelo de ciência moderna. A psicologia, assim como a medicina, não deixa de se apropriar desses fenômenos, como nos esclarece Rejane Maria:

Diante do exposto, constata-se que a relação da psicologia com a educação aconteceu de forma assimétrica, pois aquela explicava os fenômenos e ditava procedimentos de tratamento, contribuindo para processos de categorização, segregação e marginalização do que é considerado "diferente". (BARBOSA, 2010, p.395)

A analogia entre as práticas psicológicas e a pedagogia é de extrema importância para abordarmos alguns aspectos, que dizem respeito às categorizações e segregações. Carvalho (1997), nos esclarece acerca de algumas formas de discurso que influenciaram a pedagogia moderna. Trata-se da escola normal, modelo legitimado no estado de São Paulo, no ano de 1914. Este tinha como princípio acompanhar os discursos científicos, pois isso proporcionaria um melhor progresso para o estado. A principal característica desse discurso diz respeito à degeneração. Tendo como base a antropologia, a biologia, a medicina e a psiquiatria, as práticas de saberes apontavam de acordo com as observações e exames, diagnósticos a respeito da hereditariedade, tipo físico, limitações raciais, influências morais, que de acordo com a autora, eram catalogados na Carteira Biográfica Escolar.

Ter esse registro era fundamental para o encaminhamento das práticas pedagógicas, pois, existiam duas vertentes de intervenção, a primeira diz respeito a educação normal, ou seja, os indivíduos que se enquadravam a norma recebiam uma educação específica, cujo planejamento era uniforme, baseado na igualdade social. Aqueles que se desajustavam, tinham seu próprio desajuste justificado pelos princípios da degenerescência, e recebiam um tipo de educação denominada emendatória, que como ressalta a autora:

Nos frutos murchos e nas folhas raquíticas deste subtronco, eram nomeados os destinatários das práticas pedagógicas emendatórias: criminosos, amorais, tarados, idiotas, cretinos, imbecis, surdos-mudos, cegos de nascença e deficientes físicos. (CARVALHO, 1997, p.296)

A estes princípios que servia a pedagogia, contribuía cada vez mais para um processo de hierarquização social. Justificava-se tais desajustamentos devido a determinação da natureza, concepção herdada de uma ciência positiva, e a pedagogia se pautava nisso para fundar práticas relacionadas a ortopedia e correção.

Sendo assim, os princípios da educação normal e emendatória, buscam o aprimoramento da disciplina necessária para o modelo social vigente, faz com que os indivíduos sejam moldados, por meio de estratégias que visam às adaptações dos comportamentos, ou seja, a disciplina não se restringe apenas a correção ou prevenção, ela atua na constituição do indivíduo, e essa constituição serve aos interesses do capital.

A psicologia, de acordo com Barbosa (2010), atrelada a outras práticas, auxiliou no funcionamento do modelo educacional mencionado, que, com instrumentos como testes psicológicos, mensuravam a inteligência e definiam os aspectos afetivos, motores, dentre outros que se relacionavam a incapacidade do indivíduo, além de abordar os aspectos contextuais, a estruturação familiar e situação financeira, como responsáveis por tal fracasso. Devido a essas concepções, ouvimos ainda nos dias de hoje psicólogos justificarem o mau desempenho de um aluno por ele ter uma “família desestruturada”.

Resquícios desse modelo acompanham a prática da psicologia escolar atualmente, porém, devemos destacar as mudanças de paradigmas que a psicologia vem sofrendo desde o final da década de 1970, como ressalta Barbosa, percebemos que a psicologia escolar neste período começou a refletir sobre sua própria prática:

A insatisfação dos psicólogos escolares com sua atuação no final da década de 1970 provocou uma crise que se prolongou pelas duas décadas seguintes. Esse período se caracterizou pela produção de reflexões e pesquisas que evidenciaram os entraves causados por concepções remediativas e circunstanciais aplicadas ao processo educativo, além de repercussões que originaram desestabilização e insegurança na atuação em psicologia escolar, uma vez que os procedimentos convencionais não mais respondiam com eficácia às demandas do contexto. (BARBOSA, 2010, p.395)

. Ao longo desse primeiro capítulo, houve uma tentativa de esclarecer alguns aspectos em relação à ciência e prática psicológica. A priori, a psicologia definiu-se como ciência justamente pelo fato de atrelar-se aos princípios positivistas, onde as principais características eram a previsibilidade, objetividade e neutralidade, sempre pautadas nas leis da física e da fisiologia. Isso ocorreu porque tal proposta de ciência

correspondia às expectativas do capital, pois o corpo passa a ter uma grande importância. Ressaltamos também dois fatos históricos que aconteceram no século XVIII e são essenciais para compreendermos as influências sobre a sociedade capitalista, diz respeito a revolução industrial, traçando assim nosso caráter econômico, e a revolução francesa, modificando os ideais políticos, que agora estavam voltados a igualdade, liberdade e fraternidade. A vida passa a ter importância, e devido as demandas sociais tende a ser regulamentada, Foucault (1979), com o conceito de Biopolítica, nos mostra como o Estado se apropria dos corpos e utiliza a priori a medicina, justamente para articular a produção de saberes com uma determinada norma, necessária para a manutenção social.

Percebemos também que a psicologia escolar surge justamente neste contexto com práticas de mensuração afim de, categorizar os indivíduos desajustados e intervir a partir daí. Podemos dizer, assim como Foucault, que uma análise dos déficits permitiu o surgimento de uma psicologia da inteligência.

Todo caso, aquilo que compreendemos como ciência é algo muito recente e está imerso num jogo de forças. As produções de verdades servem a um propósito, como nos mostra Morin (2005):

Enfim, e sobretudo, o destroçado processo do saber/poder tende a conduzir, se não for combatido no interior das próprias ciências, à total transformação do sentido e da função do saber. O saber já não é para ser pensado, refletido, meditado, discutido por seres humanos para esclarecer sua visão do mundo e sua ação no mundo, mas é produzido para ser armazenado em banco de dados e manipulado por poderes anônimos. (MORIN, 2005, p.120)

Ressaltamos à pouco, que a psicologia escolar passou por um período de crise e por conta disso houve uma mobilização e reflexão sobre sua prática. Como abordado no começo deste trabalho, tudo está em constante transformação, o instante que passa já não é o mesmo, mas, ainda assim, carregamos conosco os fardos do passado e estes nos influenciam atualmente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, D. R. Contribuições para a construção da historiografia da psicologia educacional e escolar no Brasil. **Psicologia: ciência e profissão**. n. esp., v. 32, p.104-123, 2012.

BARBOSA, R. M. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. **Estudos de Psicologia**. n.3, vol. 27, p.393-402, 2010.

CARVALHO, M. M. C. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In. FREITAS, M. C. de (Org.) **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, p. 291-309.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.

FARR, R. **As raízes da psicologia social moderna**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIANNOTTI, J. A. **Auguste Comte: os pensadores**. São Paulo: Nova cultura, 2000.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

MACIEL JUNIOR, A. **Pré-Socráticos: a invenção da razão**. São Paulo: Odysseus, 2007.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cultrix, 2004.